

Erich Auerbach, *Mimesis — A representação da realidade na literatura ocidental*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

Erich Auerbach nasceu em Berlim a 9 de novembro de 1892. Em 1913 encerrou os seus estudos superiores em Heidelberg, doutorando-se em direito. Em 1921 doutorou-se novamente, desta vez em filologia românica, na Universidade de Greifswald. Trabalhou durante seis anos na Biblioteca Estadual da Prússia e lecionou filologia românica na Universidade de Marburg de 1929 a 1935. Em 1936, vítima das perseguições do nazismo, exilou-se em Istambul, onde lecionou, na Universidade, até 1947. Nesse ano partiu para os Estados Unidos, onde trabalhou na Pennsylvania State University, no Institute for Advanced Study de Princeton e na Universidade de Yale. Ali faleceu em 13 de outubro de 1957.

A sua carreira mostra-o afeto, sobretudo, aos estudos românicos. A sua bibliografia também. Dos treze trabalhos por êle publicados antes da primeira edição de *Mimesis* (Berna, 1946) praticamente todos relacionados com temas das literaturas românicas e, em especial, com o renascimento italiano, dois se destacam, quando considerados à luz desta, sua obra central. Em 1924 Auerbach publicou em Munique uma tradução da *Scienza Nuova* de Vico. Em 1938, um estudo de sessenta páginas, *Figura* (“Archivum Romanicum”, XXII), sobre a obra de Dante.

Os dois cumes do renascimento italiano aparecem, um direta, o outro indiretamente, em *Mimesis*. Auerbach não analisa neste livro nenhum texto de Vico, mas a sua visão do mundo reflete-se na concepção filosófica do livro, que parece utilizar-se de uma série de eventos literários, históricos e sociológicos para deles extrair uma concepção do destino universal. Esse processo de desbastamento da materialidade dos fatos e da insuportabilidade da experiência pessoal é visto por Erich Auerbach como “um processo de equalização econômica e cultural” embora ainda haja “um longo caminho a ser percorrido para se chegar a uma vida comum do homem sobre a terra” (p. 485). Esta meta é longínqua, mas não inatingível, e a sua concretização significaria a unificação de cada destino individual no destino universal. Este processo de universalização dos destinos, que ainda hoje pode parecer utópico para muitos, talvez não o fôsse tanto para um estudioso alemão que, no exílio, longe das fontes de consulta a que sua carreira acadêmica o tinha acostumado, não podia senão transformar-se êle próprio, a sua própria memória, no receptáculo de uma série de imagens que, interiorizadas, refletissem a história da humanidade, através do relato da visão que os homens tiveram da realidade ao longo do tempo.

Na sua análise do episódio de Farinata e Cavalcante, Auerbach menciona os seus trabalhos anteriores sobre Dante. Nêles, o conceito de *figura* se apresenta, já como reflexo na consciência do crítico, como sendo, em sua realidade, a chave da criação de Dante. Em *Mimesis*, contudo, a perspectiva de trabalho é mais ampla: vai desde Homero e os textos bíblicos até as obras de Virginia Woolf e Marcel Proust. A obra de Dante aparece, então, como um dos avatares da realidade, e

o conceito de figura passa a se generalizar, significando, de maneira mais ampla, a visão imagética da realidade.

Dentro das limitações dos exemplos escolhidos, *Mimesis* é uma obra construída dialeticamente. A partir do primeiro capítulo, em que são contrapostos Homero e os textos bíblicos — o primeiro, com a sua técnica do retardamento da ação, cria uma série de primeiros planos justapostos no relato; os segundos, mediante a sugestão encerrada naquilo que não é expresso, mediante as distâncias implícitas nos abismos que separam o homem de Deus e que são, às vezes, súbitamente franqueados —, Auerbach estabelece duas linhas de conduta na visão ocidental da realidade. Estas linhas são fundamentalmente diferentes, mas estão, também, profundamente ligadas entre si. Por um lado, mostra a tendência humana no sentido da universalidade, a procura, na experiência de cada homem, da experiência de todos os homens. Por outro lado, Auerbach preocupa-se com o que cada experiência humana possa ter de singular, de único, no conceito do “cotidiano-qualquer”

O método de Auerbach também reflete, em outra dimensão, essa dicotomia. A sua análise dos textos escolhidos é feita no sentido da individualidade dos autores, em profundidade e no campo da investigação estilística. Ao mesmo tempo, cada uma dessas análises é engastada num estudo extenso da realidade e da sua representação, que investiga os exemplos quanto ao seu conteúdo, partindo de bases sociológicas e históricas sólidas.

O interesse vertical da obra consiste na história das vicissitudes da união do conceito do trágico ao destino individual e cotidiano. Neste sentido é necessário entender o conceito de “realismo criatural” apresentado por Auerbach. Na sua história do realismo há heróis e anti-heróis, mas estes últimos são apresentados como incentivadores do desequilíbrio entre o trágico e o cotidiano, movidos não tanto por motivos de idiosincrasia estilística quanto por razões ideológicas. Se Shakespeare, Racine e Cervantes são mostrados como anti-heróis e Balzac, Stendhal e Zola como heróis, nesta luta pela visão não conflitante do trágico e do cotidiano, Auerbach não os declara individualmente responsáveis pelo seu papel, mas apenas representantes de diferentes momentos na evolução da visão ocidental da realidade. E mesmo os três grandes escritores franceses não são vistos como representantes perfeitos do realismo moderno, embora Zola talvez escape em maior medida dos preconceitos anti-realistas.

E' em Virginia Woolf e em Marcel Proust que Auerbach parece ver a interiorização acabada da realidade. Nas suas obras, a arte da *mimesis* consegue libertar-se da realidade empírica e atingir o grau mais puro de relato: a imitação da experiência interiorizada. E' claro que esta preferência pela representação de uma realidade interna poderia ser interpretada como uma tentativa de fuga da realidade empírica contemporânea. Nada mais compreensível num autor que escreveu em meio a uma situação que só os mais otimistas podiam não considerar como o apocalipse na

cultura ocidental. Ao mesmo tempo, porém, há, em algumas das páginas finais da obra, uma compreensão profunda dessa realidade e, ainda mais, das técnicas usadas para representá-la mentirosamente.

Há também, na posição final de Auerbach, uma abertura para as manifestações literárias posteriores à aparição de *Mimesis*, posteriores até à morte do seu autor. Seria possível, sem forçar as obras e sem forçar o pensamento de Erich Auerbach, imaginar um pós-lúdio, em que a realidade empírica é deixada de lado pela *mimesis* para se adentrar na realidade psicológica, a visão trágica do cotidiano se sentisse esgotada e retornasse a explorar os caminhos do fantástico e do mágico.

*GEORGE BERNARD SPERBER*